

SOCIEDADE PAULISTA DE LEPROLOGIA

REUNIÕES

217ª SESSÃO ORDINÁRIA

José Corrêa de Carvalho
Secretário

Realizou-se no Instituto de Leprologia "Conde Lara", à rua Domingos de Morais, 2463, em 20-7-1953, As 20,30 horas, a 217ª Sessão Ordinária da Sociedade Paulista de Leprologia. Não tendo comparecido, por motivo de força maior, o Sr. Presidente Dr. Abrão Rotberg, assume a presidência o Secretário Geral, Dr. L. M. Bechelli. Abrindo a sessão, o Sr. Presidente na hora do expediente lê um telegrama da S. B. Leprologia pedindo informações sobre quais os colegas que queriam tomar parte no Congresso Internacional de Leprologia, a realizar-se em Madrid em Outubro próximo. Em seguida, o Sr. Presidente presta informações aos presentes sobre a próxima reunião da S. P. Leprologia, que será comemorativa do 20º aniversário. Haverá um Simpósio sobre terapêutica epidemiológica no Sanatório Santo Ângelo e no Instituto "Conde Lara" haverá uma sessão solene. O Sr. Presidente dá informes sobre demarches para que a Sociedade Paulista de Leprologia seja considerada de utilidade pública. O Sr. Presidente propõe para sócio o Dr. Olavo Barros, Inspetor Regional do D.P.L. em Catanduva. O Sr. Secretário lê o relatório apresentado pelo Tesoureiro Dr. Nestor Solano Pereira relativamente As contas de 1952. O Sr. Presidente nomeia urna comissão composta dos Drs. Demetrio V. de Toledo, Francisco Amendola e Luiz Fortunato Bellino para apreciar as contas e apresentar parecer.

Não tendo comparecido o orador inscrito Dr. Carlos Eduardo Rocha, o Sr. Presidente dá início a uma mesa redonda sobre sulfonoterapia, solicitando a opinião de todos os presentes sobre este importante tema.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerra a presente sessão.

218ª SESSÃO ORDINÁRIA

Realizada em 18-8-1953, no Sanatório Santo Ângelo.

José Rivera Miranda
Secretário ad-hoc

Sob a presidência do Dr. Abrão Rotberg, realizou-se no Sanatório Santo Ângelo, às 9 horas, a 218ª Sessão Ordinária da Sociedade Paulista de Leprologia, tendo o Sr. Presidente explicado a sua finalidade, qual seja a de se comemorar o 20º aniversário da Sociedade Paulista de Leprologia, assim como o 21º aniversário da REVISTA PAULISTA DE LEPROLOGIA. Na hora do expediente, pede a palavra o Dr. Renato Pacheco Braga, Diretor do Sanatório, para dizer da satisfação com que recebia a visita de toda a Sociedade e por ver realizar-se no Sanatório Santo Ângelo tão importante reunião, qual seja o Simpósio sobre a Lepre nestes 20 anos. Referiu-se, a seguir, sobre a honrosa presença do Prof. Aguiar Pupo

na reunião, que foi o organizador e o orientador da construção do Sanatório Santo Ângelo que, no corrente mês, comemora o seu 25º aniversário de fundação. Termina o Dr. Braga por pedir aos presente uma homenagem especial ao Prof. Aguiar Pupo. O Sr. Presidente, com a palavra, agradece os votos de boas vindas do Dr. Braga e se associa, em nome da Sociedade, As homenagens pedidas e prestadas ao Prof. Aguiar Pupo.

Passando à ordem do dia, o Sr. Presidente anuncia o início do Simpósio, dando a palavra ao Prof. Aguiar Pupo que, após agradecer as palavras do Dr. Pacheco Braga e a homenagem recebida, disserta sobre "Certos aspectos clínicos da lepra".

Seguiram-se com a palavra os seguintes simposistas, discorrendo sobre os seguintes temas:

Dr. Wilson Broto: "Quadro neurológico da lepra".

Dr. Lineu Matos Silveira: "Aspectos atuais da cirurgia da lepra".

Dr. Francisco Amendola: "Oftalmologia e otorrinolaringologia na lepra".

Dr. Lauro de Souza Lima: "Simpósio sobre a terapêutica da lepra — 1933-1953".

Dr. Lopes de Faria: "Estudos experimentais sobre a lepromino-reação".

Dr. Abrão Rotberg: "Simpósio sobre lepromino-reação e imunidade — 1933-1953".

Dr. Roberto Farina: "Cirurgia plástica da cabeça na lepra".

Drs. Moacyr de Souza Lima, Paulo Rath de Souza, Antonio Carlos Mauri, Jorge Michalany, Walter A. Hadler, Humberto Cerruti e Francisco Ranieri. "Patologia da lepra; principais diferenças entre lepra e tuberculose".

Dr. Luiz Marino Bechelli: "Simpósio sobre epidemiologia e profilaxia da lepra — 1933-1953".

O Sr. Presidente, em seguida, suspende a sessão, convocando uma outra, após o almoço, para efeito de discussão dos temas apresentados.

As 14,30 horas, o Sr. Presidente, abrindo novamente os trabalhos, põe em discussão, pela ordem da sua apresentação, os trabalhos apresentados no período da manhã. Com relação ao tema defendido pelo Dr. Lineu Matos Silveira, pede a palavra o Dr. Wilson Broto para observar que, em relação ao mal perfurante plantar, acredita, como afirmou o Dr. Lineu, que a causa básica é a anestesia da região, tanto que, também preconiza o repouso como terapêutica primordial. Com relação aos distúrbios articulares, acredita o Dr. Broto que eles não sejam decorrentes de uma síndrome medular, como é o caso do tabes, mas sim distúrbios do sistema simpático. Quanto à nevrite do ciático poplíteo externo e do cubital, acredita igualmente o Dr. Broto que seja devido a uma condição anatômica do nervo qual seja a sua compressão nas goteiras ósseas respectivas.

Com a palavra o Dr. Renato Braga e em adendo ao tratamento médico das nevrites exposto pelo Dr. Lineu em seu trabalho, informa que tem obtido resultado espetacular, em grande número de casos tratados, usando o preparado Lumetrox, do Andrômaco, em injeções locais no tronco nervoso. Com a palavra o Dr. Lineu Silveira, reafirmou que a anestesia é causa principal dos males perfurantes, preconizando como profilático da afecção a educação dos doentes pelo exame diário dos pés, defendendo-se assim o doente de unia possível instalação de um mal perfurante. Quanto às nevrites, diz o Dr. Lineu que patologistas patricios procuram condicionar a dor aos fenômenos dos vaso-nervorum que criariam reflexos perversos que condicionariam espasmos, estases e dor. Com a palavra, o Prof. Aguiar Pupo informa que observou nesses últimos dois dias uma das mais fortes crises de nevrite cubital em um seu observado, tendo o Dr. Melaragno aconselhado o bloqueio nervoso. Pergunta então o Prof. Aguiar Pupo onde seria feito o bloqueio pelos neurologistas. Em resposta, o Dr. Broto informa que o mais usual é o bloqueio troncular, mais raramente sendo feito o radicular. O Dr. Lineu, com a palavra, concorda com o Dr. Broto, acrescentando

que, no caso de não se obter resultado com tal bloqueio, aconselha a retirada do nervo de sua goteira, seguido da descapsulização. Continuando em discussão os trabalhos apresentados, o Sr. Presidente concede novamente a palavra ao Prof. Aguiar Pupo, que elogia o trabalho do Dr. Luiz Bechelli, que considerou um estudo exaustivo e verdadeiramente biológico dos problemas de profilaxia e epidemiologia. O Prof. Aguiar Pupo fez apenas uma restrição no que concerne a incidência da lepromatose, informando que não acredita que a endemia seja de baixa incidência quando o índice de lepromatosos é alto, não acreditando igualmente na baixa incidência da leprose no Nordeste, que decorreria da insuficiência de pesquisa e tempo. Em resposta, o Dr. Bechelli informou ao Prof. Aguiar Pupo que deveria ter havido um lapso da parte do mesmo, desde que, em seu Trabalho, afirmara que muitos autores julgam da atividade da endemia pelo número de casos lepromatosos, sendo a endemia tanto maior quanto maior o número de lepromatosos, e que as percentagens sobre os diversos tipos clínicos não dizem bem sobre o problema porque tais percentagens só mostram os casos graves, não existindo infelizmente uma verdadeira polícia de foco. Com relação ao problema da lepra no Nordeste, o Dr. Bechelli diz estar de pleno acordo com o Prof. Aguiar Pupo, pois ainda é precária a estatística, apesar de sermos forçados no momento a julgar apenas com estes dados. Com a palavra o Dr. Aires Pacheco, do Serviço de Lepra do Rio Grande do Sul, informa que, sendo natural do Estado de Alagoas, pode afirmar que no Nordeste não existem casos de lepra, existindo apenas doentes lá residentes, mas contaminados em outras regiões do país. Em contestação As afirmações do Dr. Pacheco, o Prof. Aguiar Pupo relata as observações do Dr. Pondé, que se acha a testa de um Serviço de Lepra no Nordeste e que informa haver muitos casos de lepra no sertão baiano, onde a incidência é altíssima. Com a palavra o Dr. Bechelli, informa que está de acordo com as informações do Prof. Aguiar Pupo, referindo-se então ao elevado número de doentes provenientes do Estado da Bahia e que estão fichados pelo Departamento de Profilaxia da Lepra de Silo Paulo. Conclui o Dr. Bechelli dizendo que no Nordeste existem mais casos de lepra do que referem as estatísticas.

Continuando em discussão os ternas do Simpósio e não havendo mais quem quizesse fazer uso da palavra, o Sr. Presidente agradece o comparecimento de todos os presentes à sessão, informando que a Assembléia Geral Extraordinária que deveria se realizar em seguida seria transferida para o mês de setembro, em virtude de não haver número legal para a sua instalação no momento. Agradece, igualmente, o Sr. Presidente a presença dos senhores representantes do Serviço de Lepra do Rio Grande do Sul e convida a todos para a sessão solene a ser realizada As 20,30 horas, na séde da Sociedade Paulista de Leprologia, à rua Domingos de Moraes, 2463, seguida de um coquetel comemorativo.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerra a sessão.

ASPECTOS PITORESCOS DA CAMPANHA DO D.P.L.

(Caricaturas de um Médico Regional de Lepra)

Procurando, de certo modo, compensar a má impressão que porventura tenham causado nossas palestras anteriores, de assunto bastante árido, qual seja o de números e estatística, aqui estamos novamente, trazendo à casa, desta vez, um tema menos ortodoxo que fugiria aos cânones científicos desta Sociedade, mas que faz parte da nossa luta quotidiana na campanha profilática.

Queremos nos referir a algumas passagens pitorescas e mesmo trágico-cômicas da vida do regional de lepra, fatos corriqueiros que esses bravos colegas enfrentam com abnegação e espírito esportivo e modestamente silenciam num desprendimento digno de louvor.

Há alguns anos, quando ainda estávamos na primeira linha de luta, pois que agora já nos consideramos regional remido, pretendíamos escrever um livro, com o título talvez um pouco pretencioso de "Memórias de Um Inspetor de Lepra". Agora aproveitamos alguns dos seus entrecchos para ilustrar esta dissertação.

Que é o Regional de Lepra? O médico regional de lepra, ou Inspetor Regional de Lepra, é o médico do D.P.L. que, além de contar no seu passivo com as "qualidades" daquele que trabalha com essa moléstia, soma às suas atribuições o inconveniente muito sério da "caça aos novos doentes". E', por definição, "o caçador de doentes", acumulando em sua única pessoa, todo o sistema técnico do D.P.L., com a vantagem ainda de ser itinerante, isto é, dinâmico.

Ele é, em essência, a sede do D.P.L. que se locomove à cata dos doentes, reproduzindo em maior intensidade o interessante milagre da Santíssima Trindade, pois que é ele mesmo a secção de comunicantes, de doentes novos, de elucidação de diagnóstico, de remoção, de tratamento, de vigilância e propaganda sanitárias, de exames coletivos, de laboratório, de secretaria e arquivo, de assistência social; enfim, deve ser onipresente e onisciente.

Como vimos, um bom regional deve ser um santo e um sábio: — santo para estar em toda parte ao mesmo tempo e sábio para saber resolver sózinho seus mais intrincados problemas.

Dão a idéia da telefonista do Interior que, quando indagamos um número, ela diz que vai ligar para "Informações", onde ela mesma atende para voltar para o lugar de telefonista e fazer a ligação. Se queremos falar com "Reclamações", telefonista-chefe, e, em certos lugarejos, até com o gerente do Pôsto, sempre liga para esses vários lugares onde é ela mesma quem responde.

Naturalmente para um serviço polivalente como o seu, o regional de lepra teria muito o que contar, mais do que o médico de hospital ou de uma secção fixa que também terão seus pedaços, mas que por certo num raio mais limitado.

E assim nos propuzemos relatar aqui alguns desses fatos, não os mais tristes, que de tristezas estamos fartos, porém os mais pitorescos, visando amenizar nossa campanha já tão árdua.

1) TRANSPORTE

Não há dúvida que os transportes, problema que interessa particularmente o D.P.L. como todo o Brasil, é também uma das questões máximas do nosso regional.

Para as visitas aos numerosos municípios de sua jurisdição, o regional do D.P.L. se serve dos meios habituais e coletivos de transporte, tais como trens (onde houver), ônibus, cavalo, automóvel de aluguel (quando há uma sobra de verba e os preços não fôrem muito altos) e as mais das vezes, a pé. Atualmente a Diretoria do D.P.L. está estudando e pondo em prática um sistema de jipes para cada uma ou duas Regionais, porém é essa uma providência muito recente e que não abrange ainda todo o Estado.

O forte do serviço é feito por meio dos ônibus que no Interior são mais conhecidos como "jardineiras".

Sôbre êsses veículos nos permitimos transcrever aqui um trecho do capítulo por nós dedicado às "Jardineiras" do Sertão":

"UMA VIAGEM DE "JARDINEIRA" - O útil veículo que tanto serve à população rural, é o nosso meio de transporte habitual nas cidades e municípios não servidos por estradas de ferro.

A "Jardineira" do sertão" é sempre uma coisa de aspéto feio e tenebroso, dando a impressão de insegurança. Dadas as condições precárias das estradas de rodagem municipais, não se poderia mesmo esperar por um carro bonito e cômodo. Tanto serve para passageiros — (e que passageiros!) — assim como para qualquer espécie de carga (sacos de mantimentos, engradadas com aves, leitões, etc.). Até caixão de defunto chegam a levar em sua coberta, coberta aliás que serve de segundo andar para os passageiros, quando em baixo está literalmente tomado. Daí contarem a anedota do japonês que viajava na capota, sentado num caixão de defunto vazio. Mais adiante, para se esconder da chuva que caía, o mesmo entrou para o caixão. Logo após sobe um outro passageiro que, vendo o caixão, sentou-se ao seu lado, meio ressabiado. O japonês. botando então o braço para fóra, pergunta-lhe se parou de chover. O interpelado, apavorado, se atira da "jardineira" em movimento...

A lotação nos dois andares não tem limite. Quantos vierem, quantos embarcam. Nunca se viu ninguém ficar na estrada, por mais que o veículo estivesse repleto. As "jardineiras" resolveram de um modo prático um problema cuja solução vem preocupando os físicos de todos os tempos: a penetração dos corpos sólidos e maciços, sem aumento de volume e superfície. A "jardineira", por exemplo, segue já de saída completamente lotada, sem um lugar para uma agulha. Na volta do caminho estão à espera quatro passageiros, com crianças ao colo, várias cestas, embrulhos e dois cachorros. O carro pára e o pessoal embarca. E' verdade que o desconforto é tremendo, mas não se está pior do que antes, mesmo porque o comparativo "pior", em matéria de "jardineira"; é huma-

namente impossível. Um pouco além, desce uma pessoa e todo o mundo suspira aliviado como se tivesse dado à luz... Em compensação, porém, muito logo, sobem mais três outros.

Devido ao estado péssimo das estradas, as "jardineiras" não podem ser muito altas e, assim, quem está de pé pelo corredor, tem que ficar arcado.

Suponhamos que temos de ir ao Distrito de V., a dezenas de léguas de B., donde sai a "jardineira". Indo bem cedo, antes das 7 horas, talvez seja possível arranjar-se um lugarzinho, com a proteção do motorista nosso amigo. Sai a caranguejôla, aos trancos e barrancos, parando em toda a parte para subir mais gente e animais. Pela hora do almoço, chega a G., onde faz ponto numa pensão. Uma única mesa é posta e começa logo o avanço. Felizmente em G. temos um colega amigo que sempre nos convida para sua casa. Mastigado o almoço apressadamente, segue o veículo em demanda a A., para esperar nessa estação ainda alguns possíveis passageiros.

Depois de longa caminhada estamos em Icem, junto à cachoeira de Marimbondo, no Rio Grande. Em Icem, no Hotel do Oriente, cujo proprietário é um português sem uma perna, como o pirata da marchinha, temos ótima peixada, mas isso tem que ficar para a volta, porque a "jardineira" está com pressa, já com três horas de atraso.

Seguimos então para a frente. O., distrito de P. F., lugarejo de tristes recordações, onde um doente que era por nós conduzido para um hospital, tentou suicidar-se com um tiro no ouvido, numa noite, da nossa viagem anterior. Noite velha chegamos em P. F., lugar perdido em pleno sertão, sem telefone, telégrafo, sem nada. Nosso destino, porém, é mais para a frente e devemos aproveitar a própria "jardineira", aliás a única condução para lá, que se dispõe a prosseguir. Cerca de 50 quilômetros além, depois de várias horas de caminhada, chegamos finalmente em V., mortos de fome e cansada. Na pensão "Flôr do Sertão" todavia, não há mais comida àquela hora. Camas também não; só algumas "vagas" de mistura com indivíduos estranhos, mal cheirosos e ressonantes. Contudo, por mais que se esteja fatigado, os insetos são muitos e percebemos que até "barbeiros" descem da parede de "pau a pique". E sabemos que ali muito perto, vizinho, há um caso de Fogo selvagem, já de muitos anos...

Naturalmente nos levantamos e preferimos "dormir" na "jardineira", que fica na rua. Nesta, porém, já estão "acomodados" vários passageiros que preferiram não pagar o pouso na pensão. Felizmente a madrugada já vem vindo e devemos sair muito cedo, a cavalo, para a barranca do Rio Grande, em companhia do Pernambuco, nosso guia no distrito, para examinarmos um tal Bonifácio, matador profissional. Mas esta já é uma outra história e fica para outra vez.

Para maior idéia do sacrifício do regional em serviço, conta-nos um dedicado amigo da Alta Sorocabana, que para suas viagens a determinado

distrito, havia apenas uma "jardineira" tri-semanal e que saía de madrugada. Em certo ponto da estrada ele descia e tinha que andar 12 quilômetros para chegar ao seu destino. No dia seguinte, caso ele não conseguisse um cavalo, tinha que voltar a pé até o ponto para apanhar o ônibus na volta.

E, disse ele, como o lugar é muito trabalhoso, já fizemos várias viagens destas.

E' inútil acrescentar que poucos repetiriam essas façanhas.

Esse problema dos transportes, como tudo na vida pública, está intimamente ligado com a questão das verbas, coisa de que absolutamente não sabemos nada, mas que são importantíssimas para o bom andamento e eficiência do serviço.

2) O "ESTOURO" DAS VERBAS

No Serviço Público as mínimas despesas são reguladas por uma coisa um tanto misteriosa que até hoje não entendemos bem e que se chamam VERBAS.

Essas verbas são perigosíssimas de se lidar, pois têm a facilidade de "estourar" com muita frequência e o que é pior, costumam "estourar" "a priori", isto é, muitas vezes (quase sempre) a gente só sabe da existência delas quando já "estouraram", acarretando prejuízos aos nossos precários orçamentos particulares, pois já tínhamos feito a despesa e o reembolso não poderia então vir. Fazem lembrar o indivíduo que acendeu um fósforo para ver se no tanque tinha gasolina... E tinha!

Também os gastos de "jardineira" e outros chamados TRANSPORTES PESSOAIS dependiam de uma verba, que misteriosa como era, regia-se por um código como um agente do "Intelligence Service": X9 ponto 14 traço 16 vírgula 212.

Acontece que um dia, o sr. Z..., contador do Serviço, um homem que havia perdido os fios dos cabelos à força de arrancá-los por ter de lidar com dezenas de milhões de cruzeiros distribuídos por milhares de verbas (disse-me ele que havia uma verba especial até para parafusos de rodas traseiras para as bicicletas das crianças de Jacareí). Como ia dizendo, o sr. Z... nos participa que a verba X9 ponto 14 traço 16 vírgula 212 (a tal dos transportes pessoais) tinha "estourado" e que portanto não podíamos mais andar de "jardineira" (ônibus), a cavalo ou outro veículo motorizado ou quadripuxado (valeu o neologismo?), restando-nos apenas duas alternativas para nossas viagens: ou a pé (cuja verba não consta dos orçamentos públicos) ou de trem (cuja verba tinha a particularidade de ser elástica e podia ficar cômodamente pendurada nas Companhias) .

Como porém em nossa região tínhamos uns escassos 300 quilômetros de estradas de ferro para vários milhares de estradas de rodagem, era de se esperar que a primeira alternativa (dolorosa alternativa!) fosse a preferida, isto é, o caminhar a pé.

Assim foi que um belo dia, um representante de jornal telegrafa: "Vila Pereira — Urgente. Passou por esta cidade, devidamente camuflado de poeira, o conhecidíssimo médico andarilho do D.P.L., Dr. Fulano de Tal. Após ligeiros reparos na ferradura duma de suas botas e reabastecimento de munição de bôca, o famigerado batedor de estradas prosseguiu viagem para Vila Cardôsa, onde esperar chegar, se Deus quizer, dentro de 15 dias".

Notem bem: foi escrito VILA CARDÔSA (com o O aberto e terminado em a), muito a propósito, pois em nosso sertão, os nomes de família têm a singular propriedade de concordar em gênero com o sexo do individuo. Assim, por exemplo, a família QUITÉRIO: o filho varão era chamado João Quitério, enquanto a moça assinava Maria Quitéria...

Ora, vila sendo feminino, CARDOSO tinha que concordar com ela e todo o inundo só conhecia Vila Cardôsa...

Com respeito às requisições de passagens de estrada de ferro, de tempos a tempos, por motivos vários, a remessa dessas requisições podem demorar. Uma vez, como estivéssemos desesperados com a falta delas, escrevemos ao Dr. G..., encarregado de seu fornecimento, a seguinte carta que teve um resultado imediato:

"Prezado G.

Estou aguardando até o momento as famigeradas segundas vias de requisições, que V. ficou de mandar há mais ou menos 1 ano...

Acontece, como por certo V. já deve ter desconfiado, que o médico regional é o caixeiro-viajante do D.P.L. e que por força de sua função, forçosamente deverá viajar (há um decreto do Dr. M... nos obrigando a viajar pelo menos 15 dias por mês).

Acontece também, por outro lado, que os regionais são os indigentes do D.P.L. e é claro que não podem ter à disposição, não digo um belo carro, mas nem sequer um velho calhambéque;

Acontece ainda, que estamos sondo escorraçados das Prefeituras onde mendigamos uma condução (elas não têm nem para elas) e, em consequência, resta-nos duas alternativas para nossas viagens, isto é, vamos a pé, ou de trem;

Acontece porém que às vezes temos que ir à Cocais, a 300 quilômetros de distância; nossa qualidade de andarilho profissional do D.P.L. talvez nos permitisse lá chegar dentro de 10 ou 20 dias, não fosse você nos cortar as diárias, mas o diabo é que se tivermos que conduzir um doente com mal perfurante (mal perfurante é uma doença que fura os pés dos doentes impedindo-os de caminhar teríamos que levá-lo nas costas, o que iria de encontro a todas as regras de cavalaria e profilaxia;

Acontece que, nesses casos, temos que ir mesmo de trem e como não temos passe livre (já tentei isso e não consegui) e nem as famigeradas segundas vias, compramos as passagens com bom material sonante da nossa parca carteira;

Acontece que o sr. Z..., dono do dinheiro do D.P.L., já anda nos olhando meio de "esgueia", aliás com muita razão, pois parece que os cobres andam curtos;

Acontece que, para evitar tudo isso, teríamos que ficar parados, isto é, sem trabalhar, ou melhor, parar a campanha profilática;

Acontece no entanto que, se pararmos, a turma e os chefes gritam;

Acontece pois, que se você não mandar logo as famigeradas segundas vias, vai acontecer finalmente muitas outras coisas...

E paramos por aqui aguardando os acontecimentos".

3) HOTÉIS E PENSÕES

a) Dormidas — Para as dormidas em suas freqüentes viagens, o pouso como o dos tropeiros, tem que ser feito onde se o encontre. Assim, nos distritos menores, sertão a dentro, são as pensões de beira da estrada que fornecem o alojamento habitual, isto é, a "vaga", pois nessas casas não se pôde ter o luxo de um quarto só para um, temos que compartilhá-lo com outros, e em certa ocasião contamos oito companheiros que ressonavam como porcos cansados.

Um dos nossos colegas da Capital, destacado para determinada região, quando examinando o "seu" quarto, surpreendeu-se com outras camas tomadas por estranhos de sinistras cataduras, e uma delas marcada com um chicote...

Conta êsse amigo que a tudo se acotumou, mas que a única coisa a que absolutamente não se habituara, era com as privadas de fossa e caixão. Para suas necessidades menores - conta ele - em vez de entrar deliberadamente na casinha com porta de saco de estopa, dava volta e ia fazer o "serviço" atrás da mesma.

Para as maiores, levava sempre consigo um exemplar da edição domingueira do "Estado de S. Paulo" e, aproveitando os raros momentos em que ficava sozinho no quarto coletivo, fazia um belo embrulho que era levado sorrateiramente e atirado na fossa...

b) Refeições — Muitas vêzes, quando não se passa a sanduíches e se pode fugir aos oferecimentos das casas dos doentes (do café ninguém escapa), essas mesmas pensões estão em condições de satisfazer à fome canina e ao modesto paladar do médico regional.

Ah! que saudades dos "tagliarines" de Pirangí e Pitangueiras!!!

Acontece, porém, que essas casas não dispo de acomodações suficientes, servem a todos os hóspedes numa mesma mesa e ao mesmo tempo, sendo o avanço democraticamente realizado por todos os comensais das mais variadas espécies, que vai daquele que aspira a sopa como uma bomba centrífuga de 30 cavalos, até ao que acha que colher e garfo são meros instrumentos decorativos.

Em determinada cidade tomateira, o único hotel era propriedade de japonês, cuja colônia por força da própria cultura era muito desenvolvida.

Os orientais têm seu padrão próprio de educação à mesa e assim era com naturalidade que eles se serviam da salada da travessa, diretamente para suas bôcas.

Já haviam feito certa concessão aos nossos costumes, pois pelo menos ali haviam abolido seus pauzinhos, mas aquela coisa do mesmo garfo ir da bôca para a travessa do centro da mesa, fazia perder o apetite.

O pior era porém no fim da refeição que só era farta e bem aproveitada, quando o japonês mostrava sua satisfação com generosos arrotos, que eram correspondidos com outros mais retumbantes de seus patrícios.

E' claro que nesses momentos a sala ficava vazia, isto é, os amarelos eram os únicos que permaneciam, por certo a conjecturar o porque da debandada...

4) CAMUFLAGEM

Por força da própria função de viajante, ou melhor, de andarilhos rurais, os médicos regionais naturalmente não podem apresentar-se vestidos pelos padrões da última moda. Depois de algumas horas de viagem, já se apresentam a caráter, isto é, camuflados de poeira.

Andando com aquelas roupas e se servindo como outro pobre diabo mais de suas cansadas pernas, obrigados também a manter certo sigilo de sua função, às mais das vezes o regional de lepra dá a impressão de um retirante do Nordeste.

Certa vez fomos interpelados como "ladrão de cavalo".

Outro colega, mais feliz, costuma passar nas cidades como vendedor de casemiras. E não é raro, enquanto nossas roupas estão limpas, que os regionais sejam convidados para sócios da ARCESP (Associação dos Representantes Comerciais do Estado de São Paulo), que é a sociedade dos viajantes comerciais.

O pior porém aconteceu com nosso amigo da alta Paulista. Andava êsse esforçado colega em sua busca costumeira, acompanhado do seu infalível guarda, doente de alta, apertados nos últimos bancos duma famigerada "jardineira" repleta.

Em um ponto da estrada, passa à frente um automóvel que dá sinal para o ônibus parar. Saltam do carro de passeio um civil e vários soldados que sobem no ônibus e começam uma busca inervante. Chegando aos últimos bancos, o civil, que era delegado de polícia, intima o nosso colega a descer. Nosso amigo, aturdido, não sabe do que se trata e não compreende a intimação, perguntando era com êle mesmo, ao que o delegado grita-lhe que era êle mesmo, charlatão, que se intitulava de médico e que iria comer uma "cana" para aprender.

Nosso amigo teve que descer e como não tivesse nenhum documento do serviço que o identificasse, se valeu de uma carteirinha de antigo funcionário da Segurança Pública que por sorte trazia.

5) ZÉ DA LEPROLOGIA

Decorrente de sua qualidade de leprologo, são os regionais, como os demais médicos que lidam com a moléstia e residem em cidades pequenas, mais conhecidos como "médico da lepra" ou "doutor da lepra", perdendo pois suas personalidades próprias.

De uma feita perguntávamos para um amigo notícias do prezado colega da Noroeste. Pelo nome próprio não foi possível identificá-lo e só depois que entramos em detalhes quanto à função do mesmo é que nos respondeu: — Ah! o Zé da Lepra?! Conheço muito!

O estigma que atinge não só o doente e sua família, abrange pois seus médicos, suas coisas e também às famílias de seus médicos.

Nossa casa é conhecida como a casa do médico da lepra, nosso cão, como o cachorro do médico da lepra, sendo considerado perigosíssimo quando foge para a rua, não por sua ferocidade que não existe, mas sim porque é do médico da lepra...

Até nossos filhos são olhados com um certo receio, por serem filhos do médico da lepra. Nas escolas, a princípio, são postos em observação num dos cantos das salas de aula e, só depois, decorrido algum tempo, quando vêm que não há perigo iminente, é que se misturam.

E' uma situação que pode mesmo trazer certos complexos desagradáveis.

Felizmente, com nossos filhos, nêles até certo modo, esse complexo se manifesta pela superioridade, pois eles tiram certas vantagens da situação.

O menor dêles (8 anos), quando perguntado o que vai ser no futuro, responde que quer ser "médico da lepra", não dando nenhuma demonstração de falsa modéstia.

Pobre do meu filho! Já não chega ser médico, mas ainda medico da lepra, é o cúmulo dos cúmulos!...

6) A GRATIDÃO DOS DOENTES

Sendo uma de nossas funções justamente internar os doentes contagiantes, é claro que não podemos esperar dessas pessoas o mínimo resquício de gratidão. Caímos como um raio em suas casas, desmantelamos os seus lares, separamos seus filhos, isso de uma hora para outra, sem que eles compreendam a necessidade da medida.

A maioria, naturalmente, acha até que absolutamente não está doente, pois não sente nada...

Há mesmo a velha italiana, fichada pelo regional de Bebedouro, que não se conformava e dizia:

"Chi doença é questa que io não sinto nada!..."

Não adiantava o médico explicar que sua doença era justamente porque ela não sentia nada...

Por isso, não obstante, temos que agir e internar o doente, sempre forçando-o contra sua vontade.

E não vamos ser tão ingênuos de esperar gratidão daquele que foi encarcerado sem culpa, pois que eles não são culpados de sua doença.

Com nossa mudança para Campinas, começou para nós um período de grande satisfação: — éramos freqüentemente visitados por pacientes que estavam de licença do hospital e que haviam sido internados por nós mesmos!

Aquela era a demonstração mais cabal da gratidão humana!

Durou pouco, porém a nossa felicidade. Com o tempo fomos observando o seguinte: — os licenciados chegavam, eram recebidos com a máxima alegria e entrávamos a conversar. Depois de algum tempo, eles puxavam de suas licenças prestes a vencer e infalivelmente nos pediam, se fôsse possível, para conseguirmos mais alguma permanência na cidade, pois seus negócios estavam ainda pendentes e eles não queriam voltar antes de liquidá-los.

Não fazíamos dúvidas e escrevíamos ao Diretor do Sanatório, transmitindo o pedido.

Acontece, porém, que essas visitas se tornavam demasiado freqüentes e um belo dia o Diretor do Sanatório se aborreceu e o primeiro que chegou atrasado foi parar na "cana" com o nosso memorando e tudo. O doente protestou que havia falado conosco, mas o Diretor replicou-lhe que ali não mandávamos nada e, se acaso aparecêssemos, iríamos fazer companhia no xadrez...

E' claro que, depois dêsse dia nunca, nunca mais fomos ao Hospital, ou melhor, lá estivemos apenas recentemente, mas com um "mandado de segurança" do Diretor do D.P.L....

As visitas dos doentes, é escusado dizer, também desapareceram...

7) CONCLUSÃO

E assim, a vida do regional de lepra vai correndo, mais cheia de baixos que de altos, o que os leva a exclamar: — Oh! vida boa, ganha-se pouco, mas em compensação sofre-se um bocado!...

Há pouco lemos interessante estudo dum médico americano, sôbre o temperamento dos paraquedistas do Exército daquele país. A impressão do leigo é de que o soldado paraquedista seria um individuo valente, comprador de brigas, amante de aventuras. Pois as conclusões daquele estu-

dioso foram diametralmente opostas: — o paraquedista, em geral, é um sujeito quietarrão, tímido, idealista, um introvertido. Ele se mete nessa história é para fugir de si mesmo, e não o faz às cegas, nem para ser um herói. Faz tudo conscientemente, na maior ordem e precisão.

"Mutatis-mutandis", caso algum psico-analista estudasse os médicos regionais, temos a impressão de que as conclusões seriam idênticas, pois estaria lidando com um sujeito quieto, esquisito, idealista incompreendido, quase um caso patológico dentro do padrão da moral contemporânea.

Certa feita, viajando com um caixeiro-viajante portador de um aparelho ortopédico por defeito num dos pés, fazia esse indivíduo acerbas críticas aos preços exorbitantes e à falta de atenção dos médicos que o teriam tratado.

E como êle estivesse generalizando a questão, não pudemos nos calar e entramos na discussão, fazendo menção da nossa qualidade de médico da lepra, e dos nossos vencimentos que eram então menos de 2 contos mensais.

Fizemos vêr por alto nossas funções que não se limitavam em ir de cidade em cidade a vender suas mercadorias para ganhar cerca de 5 contos, como confessava êle.

O homem se surpreendeu com nosso trabalho e seu espírito utilitário só pôde fazer a observação de que se admirava como nós, moços, cheios de vida e entusiasmo, podíamos estar fazendo aquilo por apenas dois contos, quando êle não o faria nem por dez!...

E então sentimo-nos realmente orgulhosos em poder responder que não estávamos sozinhos, que em nosso D.P.L. havia quase uma centena dêsses abnegados, não médicos fracassados que houvessem segurado seus lugares como uma tábua de salvação, mas sim idealistas desprendidos, muitos mesmo amados e respeitados em todo o mundo, tanto pelo seu saber como pelo seu espírito humanitário e que exemplo semelhante só havia no sacrificio de certos sacerdotes missionários.

Não sabemos se nosso homem modificou sua impressão a respeito da classe médica, mas tivemos a certeza de que, naquele momento, o havíamos esmagado.

RESUMO

O autor relata alguns fatos interessantes da vida do médico regional do D.P.L., salientando em primeiro lugar a função extremamente polivalente dêsse funcionário.

Faz considerações sôbre o meio de transporte utilizado para as frequentes viagens em serviço, com especial atenção os ônibus ("jardineiras"). Passa em seguida à crítica dos hotéis e pensões das zonas mais afastadas, com os quartos e mesas coletivos, e seus incidentes bem humorados.

Devendo o regional guardar certo sigilo de sua função e servindo-se dos meios habituais e coletivos de transportes, esses fatos resultam em seguidos qui-pro-quos, deixando mesmo os funcionários em situações bastante desagradáveis.

Como decorrência da função de leprólogo residindo em pequenas cidades, o médico do Serviço perde a sua personalidade, sendo apenas conhecido como "médico da lepra" ou "doutor da lepra", abrangendo êsse estado de coisas até a casa e a família do funcionário.

Há algum tempo, com grande estranheza do autor, estava êle sendo visitado pelos doentes em licença e que haviam sido internados por êle mesmo, numa prova de gratidão inesperada. Verificou depois que os pacientes faziam a visita com o fim de conseguir maior prazo de licença.

Conclui comparando o temperamento do médico regional com o do paraquedista do Exército americano, por ser quase sempre um indivíduo tímido, quieto, idealista, introverso, e que procura em sua função uma fuga de si mesmo e não uma simples aventura.

Como resposta a uma observação dum viajante que se admirava como o médico regional suportava sua função com tão pequeno ordenado, conseguiu calar o indivíduo dizendo que no D.P.L. havia quase uma centena de médicos nas mesmas condições, muitos dêles famosos no mundo inteiro e que demonstravam assim um espírito humanitário difícil de ser encontrado em outras profissões.

REYNALDO QUAGLIATO

Inspetoria Regional de Campinas.
Departamento de Profilaxia da
Lepra, São Paulo, Brasil.